

Documento de Registro de Entrevista para o site de memórias

Centro Paula Souza

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

José Élcio Batista e Ademir Pereira Batista

Centro de Memória da Etec Cônego José Bento

Jacareí/SP

2021

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida e temática.

Entrevistadora /Instituição: Júlia Naomi Kanazawa da Etec Cônego José Bento/Ceeteps, Jacareí, SP.

Levantamento de dados preliminares a entrevista: José Élcio Batista, ex-aluno das décadas de 1960 e 1970 do Ginásio Agrícola Estadual Cônego José Bento e do Colégio Agrícola Estadual Cônego José Bento. Ademir Pereira Batista, ex-aluno das décadas de 1960 e 1970 do Ginásio Agrícola Estadual Cônego José Bento.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Júlia Naomi Kanazawa

Local da entrevista: Auto Escola Santa Branca, de propriedade de José Élcio Batista, em Jacareí, SP. Plataforma: Zoom.

Data: 6 de maio de 2021.

Técnico de gravação: Júlia Naomi Kanazawa.

Duração: 42 minutos e 47 segundos

Número de vídeos: 1 (um).

Transcritora: Júlia Naomi Kanazawa.

Número de páginas: 31

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores”, cadastrado na Plataforma Brasil e autorizado pelo Comitê de Ética (CEP) da Faculdade Santa Marcelina pelo Parecer nº 4.813.867. O entrevistado, José Élcio Batista, foi ex-aluno da instituição escolar Cônego José Bento, entre 1967 e 1974. Logo após a formação técnica, ingressou como Técnico Agrícola na Secretaria da Agricultura da Prefeitura Municipal de Jacareí, onde atua até hoje. Além

disso, possui uma autoescola e um centro de formação de condutores no município, onde emprega 27 pessoas. O entrevistado, Ademir Pereira Batista, irmão de José Élcio Batista, foi ex-aluno da instituição escolar Cônego José Bento e estudou de 1968 a 1972. Coursou o Ginásio Agrícola Estadual Cônego José Bento. Depois que se formou, se tornou vendedor, pois era seu sonho. Foi para São Paulo e montou uma empresa de livros. Atualmente planta bananas em uma área de cerca de 80 alqueires no município de Santa Branca e as transforma em doce, denominado Bananinha Santa Branca.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 10, 11, 12, 15 e 16 de novembro de 2021.

Nome da transcritora: Júlia Naomi Kanazawa

Julia Naomi Kanazawa (JNK): Bom dia seu José e seu Ademir!

José Élcio Batista (JEB): Bom dia.

Ademir Pereira Batista (APB): Bom dia.

JNK: Bom dia sr. José e sr. Ademir. Obrigada por conceder as entrevistas nesse dia 6 de maio de 2021, quinta-feira. Com certeza os depoimentos dos senhores irão contribuir pra recuperar parte da história da instituição escolar Cônego José Bento e também para o projeto História Oral da Educação Profissional e Tecnológica. Gostaria que os senhores comessem se apresentando, falando os nomes completos, quando e onde nasceram, o nome dos pais, profissão deles.

JEB: Bem, eu sou José Élcio Batista, estudei na Escola Agrícola, formei em setenta e quatro, sou natural de Santa Branca, assim como meu irmão, obviamente, e hoje sou comerciante e Técnico Agrícola da Secretaria da Agricultura.

APB: Eu sou Ademir Pereira Batista, nasci em 03 de outubro de 1954. Nossos pais, é João Benedito Batista e Benedita Lopes Batista, tá. Eu estudei cinco anos na Escola Agrícola, 68 a 72. Fiz só o Ginásio e aí ingressei na vida de comércio, tá. Hoje eu tenho uma pequena fábrica de doces de banana, onde eu sobrevivo dela e, tenho uma plantação de banana, uma cultura de bananas também, sempre voltado pra, pra zona para área agrícola.

JNK: Vocês ingressaram na mesma época na Escola Agrícola?

JEB: Não, eu, eu entrei 67, e o Ademir, em 68.

JNK: Mas, o senhor fez o ginásio também, seu José?

JEB: Ginásio e Colégio, é.

JNK: Certo.

JNK: Os, os pais de vocês eram agricultores?

JEB: Sim, até hoje, hoje o Ademir tem, na área que era dos meus pais, remanescente dos meus pais, ele tem uma plantação muito grande de banana. Hoje vive exclusivamente dessa atividade, uma atividade agrícola e, também, tem a parte industrial, lá no sítio, no sítio onde nós nascemos.

JNK: Essa produção de banana, ela gera doces?

JEB: Isso.

JNK: Desde quando vocês têm?

APB: Nove anos, há dez anos, atrás, eu comecei. Hoje, a banana está com dez anos de cultura e o doce está com sete.

JNK: Tem algum nome esse doce?

APB: “Bananinha Santa Branca”. Milagre de Deus.

JNK: Muito bem. É uma produção para ser vendida regionalmente, nacionalmente?

APB: Ela tá, eu vendo, forte dela, lógico, é São Paulo, depois vem Rio de Janeiro, Campo Grande, Londrina, Curitiba, e a semana, o mês passado, foi para Orlando, nos Estados Unidos.

JNK: Muito bem!

JNK: É, quanto de área vocês tem, de plantação?

APB: 72 hectares, não, agora é mais, 72 mais 14, uns 80 hectares mais ou menos.

JNK: Certo. E, como que vocês se interessaram pela produção?

APB: Coisa de Deus, ninguém sabe.

JNK: Sim. A banana in natura vocês também vendem?

APB: Não, ela não dá conta, a banana natura, não. Eu compro banana fora porque a minha produção é insuficiente ainda.

JNK: Certo.

JNK: Existem quantos empregados?

APB: Ah, faixa, entre a fábrica, a produção e a particular, uma faixa de 60, 65.

JNK: Certo.

JNK: É, gostaria que vocês falassem um pouquinho da época da escola, primeiro primário, onde vocês estudaram e depois o tempo na Escola Agrícola, por que que ingressaram, o interesse que vocês tiveram.

JEB: Na verdade, é, nós somos da zona rural, estudamos até o terceiro ano na zona rural, primária na zona rural, e depois...

APB: Fizemos quarto ano na casa de parentes.

JEB: Isso, aí viemos da roça, ficamos na casa dos parentes aqui na cidade para fazer o quarto ano, depois entramos no Colégio Agrícola. Foi uma época muito importante na nossa vida, porque se não fosse a Escola Agrícola, nós não teríamos como estudar. Então, foi uma época muito importante, que tirou nós da roça e trouxe nós para cidade, e nós vemos nossos amigos, nossos parentes, que ficaram na roça. Então, infelizmente, todos

né, numa situação complicada lá, difícil. Devido que nós viemos para a cidade, conseguimos estudar um pouquinho, e tivemos muita informação, muita cultura na cidade

JNK: Vocês moravam na escola?

JEB: Moramos, fomos internos na Escola.

JNK: Sim.

APB: Porque a gente, nós ficávamos, vinte, sete dias da semana na Escola, com alimentação, com pouso, com estudo, com inspetor de alunos nos educando, dando toda cobertura que a gente precisava, né. Porque todo adolescente, uns viram rebelde. Tinha um corpo da Escola de inspetor de aluno muito, muito bom.

JEB: A Escola foi muito importante na nossa vida porque tirou nós da zona rural, onde nós temos pequenos produtores, e trouxe nós aqui e deu cultura, informação, orientação e colocou nós...

APB: preparou a gente...

JEB: ...preparou a gente pra vida.

JNK: E, o senhor teve aula com quem?

JEB: Ah, bastante Silvio Mollo, Guida Paschoalik

APB: Pascoalik, Peloja

JEB: Euclides Peloja, é, Lencioni, Dr. Fernão Paes Leme Paes Zamith, é, Jorge Abdala, é, Zé Leite, muita gente, muitos professores passaram muitos, muitos professores.

JNK: Vocês tinham preferência por alguma matéria?

JEB: Não, para falar a verdade gostava de jogar bola e fazer atletismo. (Risos)

JNK: Certo. (Risos)

JEB: Mas, a Escola ensinou muita gente pra vida, porque na Escola nós éramos internos aí, morávamos aí, levantava de manhã, já estava na Escola. A vida nossa era toda na Escola. Então, ela nos ensinou muito pra vida.

JNK: Sim.

JEB: Isso foi muito importante, além de nós termos as matérias normais: de Português, Matemática, Ciências, e, a parte agrícola. Eu, por exemplo, sou funcionário da Secretaria da Agricultura como Técnico Agrícola. Estou quase, quase aposentando como técnico agrícola e devo isso a Escola Agrícola. Se não teria como fazer nem concurso, você sabe disso, né.

JNK: Sim

JEB: Então, eu sou Técnico Agrícola da Secretaria da Agricultura, com o diploma da Escola Agrícola.

JNK: Sim. O senhor, logo que saiu da Escola, o senhor voltou pra Santa Branca?

JEB: Não, quando nós saímos da Escola Agrícola nós já ficamos aqui Jacareí. Eu, por incrível que pareça, quando eu formei como técnico precisava de ter carteira de motorista. Aí, eu vim tirar carta e já fiquei trabalhando na auto escola, trabalhei por um período bom como funcionário, e há 27 anos atrás eu montei a minha empresa e hoje eu tenho duas empresas aqui, para habilitação de motoristas, tenho a auto escola prática e auto escola teórica e, sou bem sucedido aqui, tenho em torno de 25 a 30 funcionários. É, minha vida hoje está ligado a isso, e foi logo que eu saí da escola agrícola, eu entrei nessa atividade.

JNK: E, o irmão do senhor?

APB: Eu quando eu saí da Escola, eu tinha um sonho de ser vendedor, né.

JNK: Certo.

APB: Eu trabalhei um bom tempo de vendedor, tá. Aí fui para São Paulo, também fui bem sucedido, eu era vendedor de livros de enciclopédias. Montamos uma empresa em São Paulo muito boa, um tempo foi, era uma grande empresa de São Paulo. Aí, quando veio a

inflação do José Sarney, (tempo do Sarney, acho não é do seu tempo, não sei), aí arreventou, a inflação e destruiu nosso crediário. Aí, fui lutando na vida, aí apareceu a banana, não sei por quê? Apareceu a banana na minha vida, aí, tá, graças a Deus, ressuscitei de novo.

JNK: Muito bem!

JNK: No internato, vocês tinham condições que vocês, é, que vocês consideravam adequadas?

JEB: Na Escola Agrícola, para falar a verdade para você, para nós era perfeito porque nós tínhamos onde dormir, onde se alimentar, recebia educação, cultura, é. Nós tínhamos a parte de lazer, que era também muito importante, na época tinha Agro Olimpíada.

JNK: Interessante. O senhor participou?

JEB: Muito! Eu era um dos atletas.

APB: Ele era um atleta elite da Escola.

JNK: Muito bem, seu José.

JEB: Verdade.

JNK: E, a Escola chegou a ganhar prêmios?

JEB: Muitos prêmios, muitos prêmios. Eu mesmo ganhei muitas medalhas, tinha em torno de umas 40, 50 medalhas. Depois, com o tempo, fui dando pro meus filhos, pro meus netos, fui distribuindo e acabou tudo. Medalhas, troféus. E a gente tinha, a Escola Agrícola, e, também, tinha a fanfarra.

APB: Foi campeã várias vezes.

JEB: Foi campeã do Estado.

JNK: Certo.

JEB: Campeã, regionais. Aqui era modelo para região, a fanfarra. Nós tínhamos também, tinha um time muito bom de basquete, futebol de salão, vôlei. A gente era referência. A cidade, quando precisava de atletas, vinha buscar todos na Escola Agrícola. Nós éramos muito requisitados.

JNK: O senhor se lembra de, em que lugares, o senhor participou desses campeonatos?

JEB: Não entendi o que você falou.

APB: Lugares que participou?

JEB: Ah, lugares. Nós participamos. Quando tinha atletismo, nós fazíamos o Vale do Paraíba inteirinho, interior de São Paulo. Na época, tinha muitas escolas agrícolas no estado de São Paulo e nós tínhamos um torneio que chamava Agro Olimpíada. Então, nós íamos pra Pinhal, eu lembro de Pinhal. Quando eu fui em Pinhal, eu ganhei umas oito medalhas lá, todas as provas que participava, eu ganhei. E, nós participamos de diversos lugares, Pinhal, São Manuel, é, no estado quase inteiro, sabe?

JNK: E, vocês, vocês iam como para esses locais?

JEB: Ah, a Prefeitura nos arrumava ônibus, veículos. A prefeitura arrumava tudo, uniforme, porque quando a prefeitura ia disputar os jogos regionais dela, ela usava, nós como atletas deles. Arrumava sapatilha, material, é, agasalho. Nós éramos chique minha filha.

JNK: Certo.

JNK: É, o chuveiro de vocês na escola era?

APB: Rindo. Era frio, era gelado. No inverno a gente ficava uma semana sem tomar banho, mas era normal. (Risos)

JNK: Por que normal?

APB: Quando nós entramos aí era frio demais.

JNK: Certo.

APB: E, os vitrôs abertos, aí passava frio, mas, era pouca, pouca coisa.

JEB: E, nós tínhamos um professor que marcava para nós, é, principalmente na parte de atletismo, treinar às 6h da manhã. O professor, chamava nós às 6 horas da manhã, tinha que ir pra pista, de calção e de camiseta de atleta, ainda tudo rasgado, tudo sem manga, sem nada, e tinha que fazer atletismo, tinha que correr, treinar, etc, mas nós fomos campeões de muitos lugares, nós tínhamos muitos atletas bom. Tinha um atleta aí na minha época, o Voloja, ele fez um filme com o Pelé, o Pelé do século, fez um filme do Pelé, e o atleta nosso aí, mostrando uma prova de 100m, sabe. Outra coisa, nós tínhamos um time de basquete da Escola, eu não participava, mas o time basquete era muito bom. Tinha equipe de futebol, muito boa também. A gente disputava na cidade de igual para igual, qualquer time da cidade, formado por indústrias poderosas, e a escola participava de igual para igual.

JNK: E, da cooperativa agrícola vocês participaram?

JEB: Na verdade, eu participei muito pouco. Uma vez, inclusive, eu fiz aí, é, participava muito pouco da cooperativa. Como a gente tinha outras atividades que a gente dava maior valor, além de estudar, a gente fazia, no meu caso, eu fazia muita parte de atletismo. Então, a parte de cooperativa, eu não participava com muita atividade, mas foi muito importante na parte da Escola.

JNK: E das aulas práticas, o senhor, é, tinha alguma?

JEB: A prática para nós, que tínhamos sítio, olha, era um sucesso tremendo porque nós tínhamos um sítio, um sítio com uma pequena exploração agrícola que tinha de tudo: tinha vaca, tinha boi, tinha agricultura, tinha...

APB: feijão milho...

JEB: ...feijão, milho. Então, quando a gente chegava na escola e mandava nós tirar leite, por exemplo, nós fazia o maior sucesso, porque o pessoal vinha de São Paulo, que tinha medo de chegar perto de uma vaca, de um porco e para nós era uma coisa tão simples que a gente fazia o maior sucesso, sabe. Inclusive, o primeiro dia que nós chegamos na Escola Agrícola o professor chamou uma turminha e mandou que a gente fosse tirar leite de uma vaca Jersey. Ah, foi o maior sucesso. Cheguei lá, passei [corda] nas pernas da

vaca, já tirei leite, já expliquei para todo mundo. Inclusive, tirava leite e da boca da criançada, era o maior sucesso, porque a gente já veio da zona rural, isso...

JNK: O senhor, é, chegou a utilizar os instrumentos agrícolas, como arado?

JEB: Eu, eu quando eu cheguei, tava formando, eu vim, pra, pra autoescola para tirar carta e a gente achava que técnico agrícola deveria ter uma carta porque, assim, se fosse trabalhar numa fazenda precisa pegar veículo, tal. Quando cheguei, o meu sucesso na rede de auto escola se deu ao isso. E, quando eu cheguei para exercer atividade, eu já falei para auto escola que eu já era motorista, que eu já era tratorista porque eu exercia na escola atividade com trator, arando, gradiando, puxando carreta, então, eu já tinha, tinha conhecimento sobre a atividade, entendeu?

JNK: Certo.

JEB: Então, eu já cheguei falando num dia, no outro dia já virei professor de aula teórica porque eu já era experiente nessa área.

JNK: Certo.

JNK: O senhor acha importante equipamentos agrícolas no trato do campo?

JEB: Muito importante. Meu irmão que está na atividade agora pode falar a respeito.

APB: Ah, eu acho que a, técnico, quem faz escola agrícola, né, quanto melhor ele tiver, tiver conhecimento, ele vai ter mais sucesso, né. E, hoje, hoje em dia tudo é tecnologia e uma, a escola, nesse, né, quando nós estudamos tinha poucos, naquela época tinha poucas máquinas, né. Mas, hoje, hoje em dia é hiper necessário um técnico agrícola, quando ele vai para uma, se ele for por meio de fazenda, então, ele tem que ter conhecimento de tudo, de funcionamento de máquinas, de tecnologia, né, que tudo hoje é tecnologia.

JNK: O senhor se lembra dos equipamentos que a escola possuía?

APB: Ah, eu lembro, me lembro que tinha dois tratores, tinha arado, grade, né, ...

JEB: ...roçadeira, ...

APB: ...roçadeira, essas coisas eu me lembro bem.

JNK: Esses arados eram de disco?

APB: Ah, arado de disco normal, três, quatro discos, dois discos, grade normal.

JNK: Existia de aiveca?

APB: Esses equipamentos, usa até hoje. São os mesmos do tempo nosso aí.

JNK: E, de aiveca?

APB: Como?

APB: Ah, esse eu não me lembro não.

JEB: Nós tínhamos muita aula teórica a respeito disso.

JNK: Certo.

JEB: Sobre a aiveca, é, muita aula teórica, mas a prática mesmo, só tinham trator e dois arados aí.

JNK: De que marcas eram os tratores, seu José?

JEB: Massey Fergusson, Massey Fergusson, dirigido pelo Pelojinha. Lembro até o nome do professor.

JNK: Certo. Era o cinquentinha?

APB: Ah

JNK: Era o cinquentinha?

APB: Não. tinha um cinco, cinquentinha, depois chegou um 265

JNK: Certo.

JNK: O senhor também chegou a dirigir seu Ademir?

APB: Também.

JNK: Era possível os alunos, é, dirigirem trator na época?

APB: Não, não era comum não.

JEB: Nós tínhamos um amigo nosso que estudava, até que ele tinha um apelido de Marcos, que a gente chamava ele, o apelido dele de Marcos Cachaça. Ele era apaixonado pelo trator, ele dirigia todo dia, tinha que pegar o trator dar uma voltinha. E, ele também como aluno, como ele sabia mais do que a gente, ensinava pros outros alunos e professores.

JNK: É, nas propriedades agrícolas da época não era comum ter trator?

JEB: Não, não, o professor dava mais, é, atividade com a gente. Ele falava da burro mecanização. Na época ele dava ênfase nesse sentido, porque era mais agricultura familiar que ele tentava pôr na cabeça da gente, entendeu Agricultura familiar, então era mais a burro mecanização, mecanização animal.

APB: Tinha várias mulas.

JEB: Mas, mas, mesmo assim, tinha dois tratores na escola Agrícola que foi muito importante para nós

JNK: Sim.

JNK: Vocês chegaram a operar arado a tração animal?

JEB: Já operava. Na roça, principalmente. No sítio nosso lá, meu pai tinha isso aí, a gente usava muita a tração animal, boi, usava muito boi para gradagem, mas na Escola Agrícola nós...

APB: ...poucas vezes.

JEB: Poucas vezes, poucas vezes.

JNK: Certo.

JNK: É, os senhores lembram do que plantavam?

JEB: Eu, nós plantávamos, criávamos aves.

APB: Coelhos.

JEB: Coelho. Eu mesmo, uma vez, fiz um projeto agrícola que plantei 3.000 pés de tomate.

JNK: Certo.

JEB: E, todo mundo tinha uns projetos aí. Nós tínhamos que apresentar um projeto, é, fazer desde o início e apresentar um projeto para o professor. E, alguns projetos nós tínhamos aprovação para executar e, num deles e eu plantei, eu e mais dois amigos, 3000 pés de tomates. Aí, quando estavam início de produção, nós vendemos essa produção nossa para um outro agricolino, outro amigo nosso lá, que continuou com a produção de tomates.

JNK: Isso tinha relação com o sistema Escola-Fazenda?

APB: Tinha.

JEB: Tinha, tinha, é. Então, o que nós estamos falando é o seguinte: você tinha que fazer um projeto, elaborar um projeto com orientação dos professores e, se você quisesse executar esse projeto, o professor via viabilidade. Se fosse viável, ele autorizava e providenciava um pouco de recurso, ajudava, orientava, fazia acompanhamento. Então,

era muito importante o projeto que fosse aprovado, o professor autorizava a gente executar.

JNK: E, nesse sentido a cooperativa é que viabilizava a venda dos produtos?

JEB: A cooperativa vinha com apoio para gente nesse sentido.

JNK: Certo.

JNK: É tem algum fato marcante na passagem da escola para o senhor, além do atletismo?

JEB: Não, o fato marcante pra gente que foi muito importante para nós que deu oportunidade, não só para nós, mas para muita gente, é, da zona rural de outros locais, ...

APB: ...de outros estados...

JEB: ...de outras regiões, estudar, ter dignidade, entendeu porque nós éramos muito bem recebidos na Escola Agrícola, nós tínhamos representatividade, era respeitado como Escola Agrícola. Então, isso foi importante para nós.

JNK: É, quantos alunos tinha na época que o senhor estudou?

APB: Nossa senhora. Chegamos ter até 400 alunos internos, uma vez. 400.

JNK: Muitos alunos.

APB: É, era muita gente, muita gente.

JNK: E, os dormitórios?

APB: Ah, Tinha dormitório nessa parte de cima, aí, do refeitório, embaixo, o dormitório em cima. Aí improvisaram, e, descendo para onde era a horta, improvisaram dois dormitórios. A gente também dormia ali. Nessa época começou a ter um semi-internato, né, algum pessoal de Jacareí, começaram entrar na Escola, e aí eles vinham e voltavam, passar o dia com a gente e, a tarde, eles iam embora. Mas, uma vez nós tivemos aproximadamente 400 partes dos alunos internos, dormindo.

JNK: Certo.

JNK: É, vocês não sentiam falta dos pais?

APB: Ah, isso sentia... Como a gente era aqui de perto, a gente ia quase toda semana passada para Santa Branca. Aqui do lado, né, mas os nossos amigos iam de seis em seis meses. Tinham os goianos que iam só de seis em seis meses.

JEB: Como a gente morava perto, é, muitos finais de semana, nós levamos um, dois colegas da Escola Agrícola...

APB: ...prá nossa casa...

JEB: ...prá nossa casa e eles passaram o fim de semana com a gente lá. É, trabalhando também na atividade que tinha. Tinha muitos agricolinos, que lá na roça, ajudava a gente trabalhando lá. E, depois, nós temos a parte esportiva também, nós tínhamos um campo de futebol na nossa propriedade e eles iam lá, participavam junto com a gente, disputando o campeonato e trabalhando com a gente também, no retiro de leite, uma atividade agrícola plantando feijão, colhendo milho. Os agricolinos também tinha essa atividade com a gente lá.

APB: Era uma integração...

JNK: Sim.

APB: ...de amigos.

JNK: E, vocês se deslocavam de ônibus para Santa Branca?

JEB: De ônibus e às vezes de carona, né.

JNK: Certo. E, qual era a empresa que fazia a linha Jacareí Santa Branca?

APB: Santa Branca mesmo, Santa Branca.

JNK: Certo.

APB: Sanbratur.

JNK: Mas, chegando em Santa Branca vocês ainda tinham que se deslocar?

APB: Ainda tinham dez quilômetros de terra de distância prá gente ir. Às vezes ia de caminhão de leite, às vezes meu pai vinha buscar, mas a maioria das vezes a gente ia a pé também.

JNK: Certo.

JNK: Vocês gostariam de acrescentar mais alguma coisa?

APB: Não.

JEB: Só queria registrar o seguinte: é uma pena que mudou a função, o estilo da escola, né, porque a gente sabia que a escola era muito importante e seria até nas datas de hoje. Porque tem muita gente que mora em áreas afastadas e eles não tem como, é, ter um estudo igual nós tínhamos. Então, a gente sente muita falta de uma escola nos moldes que era antigamente e quando a gente fala com os amigos agricólinos, eles falam com muita saudade, com muita recordação. E, que a escola seria muito importante, se pudesse voltar como era antigamente

JNK: E, eu esqueci. Desculpe.

APB: Na escola, como a gente era interno, nós criamos, a gente criava um vínculo de irmão.

JNK: Sim.

APB: A gente encontra um amigo hoje, a gente às vezes demora um pouco e a gente lembra das passagens, das coisas, é uma alegria muito grande, uma satisfação imensa.

JNK: É, vocês frequentavam a biblioteca da Escola?

APB: Opa, nós tínhamos aula, é, toda noite. A gente tinha reforço, né. É uma das coisas interessantes que tinha na Escola.

APB: Como tinha alunos de quinta, sexta, sétima, oitava, colegial, quando a gente tinha alguma dificuldade em alguma matéria, a gente pedia para um amigo ir lá na classe ensinar a gente, então. Eu, por exemplo, fechei todos os anos, todas as matérias, nunca precisei um exame.

JNK: Sim.

JEB: Nós tínhamos à noite o inspetor de alunos, reunia os alunos na sala, e cada um tinha que ter uma atividade na sala, noturno. O inspetor de aluno chamava a gente lá.

JNK: Como se chamava o inspetor?

JEB: Ah, tinha diversos. Eu lembro do seu Pedro, seu Pedro, chamava, quem era interno tinha que ir para a sala.

JNK: Onde ficava a biblioteca?

JEB: Onde ficava a biblioteca?

APB: Ah, lá perto do estábulo

JEB: Perto do Grêmio. Mudava algumas vezes, mas das últimas vezes que ela ficou, é perto do Grêmio. Como vou explicar pra você:

APB: descendo pra horta, ...

JEB: ...descendo lá pró fundo da auto escola, uma das últimas das salas lá.

JNK: Sim.

JNK: O senhor se lembra de alguma revista agrícola ou de livros técnicos da área agrícola que o senhor chegou a ler, pesquisar?

JEB: Na verdade, a gente ia na biblioteca, é, mais pra fazer pesquisas recomendadas pelo professor e, naquela época, é, na parte agrícola tinha pouca publicação na biblioteca. Nós íamos mais para fazer mais pesquisas sobre os problemas sobre o material que o professor dava na sala de aula.

JNK: De alguma revista agrícola, o senhor não se lembra?

JEB: Não lembro, não lembro. Na verdade, aquela época, em termos de publicação, assim, tinha muito pouco, viu?

JNK: Certo.

JEB: Muito pouco. A gente recebia muito pouco conteúdo agrícola. A não ser livros dirigidos especificamente para isso, que a gente recebia em sala de aula. Mas, na biblioteca esse tipo de conteúdo era bem pouco.

JNK: Mas, o senhor se lembra do livro?

APB: É, a época que a gente estudava, da época de 50, 50 mesmo, a agricultura não era tão divulgada, né. Nem tinha o sucesso que tem hoje, essa agricultura de potência que tem hoje o Brasil, antigamente era bem pouquinho, era deficiente.

JNK: Sim.

JNK: As refeições que vocês faziam, vocês se lembram?

APB: Ah, recordamos. (Risos)

JEB: As refeições era o seguinte: tinha época que era excelente; tinha época que nós comemos dois ovos na parte da manhã; tinha época que nós não comíamos nada, entendeu? Então, a gente passava por fases, assim que, acho que o governo mandava mais recursos, a escola também tinha uma possibilidade maior de produção de alguma coisa, então, tinha pouca que nossa alimentação era excelente. E, tinha época também que não era tão boa, mas todos sobrevivemos!

APB: Tinha uma horta nossa, aí, era coisa de cinema, né. Nós produzimos, é, verdura, hortaliças e legumes pra, pra 400 alunos. Produção nossa, todo dia vinha fazer as colheitas, lá, e sobrava prá vender. E coisa tudo, tudo natural, de primeira. Coisa chique mesmo.

JNK: Na época de vocês...

APB: Hum. Na minha época, meu irmão falou dos projetos. Tinha um professor aí, além de ser muito gente boa, era corintiano, seu José Leite, ele fez um projeto de criação de coelho. Na minha classe chegamos criar 1.200 coelhos. Era coisa, tudo com alimentação própria da Escola mesmo.

JNK: Certo.

JEB: Nós tínhamos uma época que gente tinha a produção de ovos muito grande, muito ovos, e esses ovos iam para alimentação. O que eu falo prá você, teve época que nós comemos dois ovos cozidos de manhã. Você imagina, bem, era uma alimentação muito boa.

JNK: Certo.

JEB: Teve época que ficava um pouco deficiente, acho que acabava os recursos e tal. Mas, todos sobreviveram, tudo muito bem. Então, nós tínhamos época, que a alimentação era de primeira porque, como meu irmão falou, a colheita era feita na hora, o alimento vinha de manhã da horta, já era preparado e gente comia durante o dia, então, não tinha, não precisava de geladeira, nem nada. E, a parte de carne, nós tínhamos muito uma criação de suíno muito boa.

APB: Leite era produção nossa.

JEB: Leite, pensa bem. Leite era produção nossa. Na hora do café, leite próprio. Se tivesse ovo era ótimo. E, na hora das alimentações normais, nós tínhamos criação de porco e nós matávamos os porcos. A verdura era nosso, porco era nosso, o leite era produzido, então, você vê, ajudava bastante. Os alunos também que faziam as criações, que ajudavam nas criações, faziam a limpeza, faziam as plantações, varria a Escola Agrícola, tomava conta da praça de esporte, então era...

APB: Tudo integrado.

JEB: Tudo integrado.

JNK: Vocês chegaram a matar os porcos?

APB: Nossa senhora!

JEB: Rindo, dando gargalhada.

JEB: Você acha que esse amigo nosso tratorista que se chamava Cachaça por quê? Ele que matava os porcos, ele que liderava.

APB: Tinha um matadouro lá. Tudo limpinho, tudo arrumado. Fervia água.

JEB: Tinha matadouro, minha filha. O negócio era coisa chique.

APB: Coisa chique.

JEB: Tinha matadouro, pendurava porco com orientação de professor acompanhando, o Zé Leite ia lá, orientava como que matava, como que limpava, como esquetejava, tudo, é. Uma parte depois ia para Indústrias rurais e nós fazíamos linguiça. Era muito importante, entendeu? É, nas Indústrias tinha o professor lá, Said.

APB: Said.

JNK: Salim.

JEB: Nos orientava, fazia linguiça, pimenta, uma série de coisas.

JNK: Certo.

JNK: O diretor na época de vocês, quem era?

JEB: José Clóvis Passos Guimarães.

APB: A maior parte foi ele.

JEB: A maior parte foi ele. Teve uma época também que teve um coronel, mas a maior parte do tempo foi José Guimarães.

JNK: Bom, eu agradeço a entrevista que vocês me concederam hoje, imensamente.

JEB: Nós estamos sempre à disposição. Se você precisar, uma hora, que a gente vá pessoalmente, nós podemos conversar mais. É, mas nós estamos à disposição.

JNK: Eu penso que nada melhor do que ser presencialmente, pessoalmente, de fato. Então, quando tivermos a oportunidade de retornar presencialmente, eu vou contar mesmo com a presença de vocês lá, para esclarecimento de outras informações que eu precisar.

JEB: Perfeitamente.

APB: Estamos à disposição, tá.

JNK: Muito obrigada. Então está bem. É, aí assim que voltarmos a gente puder encontrar presencialmente para eu fazer mais perguntas eu vou agradecer imensamente

JEB: Obrigado nós estamos à disposição e satisfeitos por isso aí

JNK: Obrigada por ter deslocado de Santa Branca.

APB: Eu estou muito feliz por ter passado pela Escola.

JNK: Sim.

JNK: Ah, eu esqueci de perguntar, é, qual é, é o volume da produção de banana?

APB: De banana?

JNK: E, os doces também, né

APB: Eu faço aproximadamente 1000 kg doce dia.

JNK: Muito.

APB: É, a banana eu produzo normalmente, é, porque a banana é sazonal, né, eu dependo, eu não tenho irrigação ainda, então, ela oscila produção, mas normalmente eu, eu faço 600 caixas semanais de 20 kg. Como eu uso mil bananas, tenho que comprar um caminhão toda semana.

JNK: Sim.

JNK: O processo de fabricação é artesanal?

APB: Artesanal. Não, o processo é feito com tacho. Descasco ela, ponho no tacho, faço doce. Aí sim ela vira 100% artesanal. Corto ela na mão, embrulho ela na mão.

JNK: Sim. É embrulhado em palha de milho?

APB: Não embrulhado em papel acoplado, plástico e papel.

JNK: O senhor, depois, poderia me mandar uma foto ou foto do produto.

APB: Mando uma amostra.

JNK: Obrigada. E, também, se tiver alguma foto do ...

APB: Tenho, tenho.

JNK: Do processo.

APB: Eu tenho algumas e vou tirar do bananal e te mando.

JNK: Eu preciso também de fotografias que eu vou precisar utilizar na transcrição da entrevista dos senhores, mas é uma foto tipo 3x4. Então, eu preciso dessas imagens. Vocês podem me providenciar?

APB: Sem problema.

JEB: Perfeitamente.

JNK: Sim.

JNK: E, também, eu vou ter que enviar autorizações, termos de consentimento para que eu possa publicizar a entrevista de vocês. Risos

JEB: Perfeitamente.

JNK: Eu espero levar pessoalmente aí então, na auto escola do senhor seu José e deixo aí as autorizações. Depois vocês leem e me devolvem.

JEB: Perfeitamente.

JNK: Certo.

JNK: É, continuando um pouquinho as informações sobre a fabricação de banana e da auto escola do senhor, é. Da fabricação de banana, é, o senhor está contente com a produção de vocês?

APB: Ah, tô contente, tá muito boa.

JNK: Certo.

JEB: Ele, ele descobriu, na verdade, é que ele é humilde, ele descobriu uma mina de ouro, Além de ser, produzir muita mão de obra, muito emprego, se imagina. Hoje, está com quantos empregados?

APB: 60.

JEB: 60 empregos, você imagina, bem, dar 60 empregos na área rural é uma coisa muito importante que as pessoas precisam valorizar, recebem todos registrados e a indústria está crescendo muito. Então, provavelmente daqui a pouco serão mais de 100 pessoas empregadas. Então, isso aí é uma coisa muito importante. Todos eles recebem direitinho,

com férias, décimo terceiro, fundo de garantia, registrado, com fiscalização de todos os órgãos competentes, condução, cesta básica, então. Veja bem, nós nascemos na Escola Agrícola. Isso é importante gravar.

JNK: Sim.

JNK: E, a auto escola do senhor?

JEB: A minha escola também tá indo muito bem. Hoje é uma escola líder de mercado aqui em Jacareí, é a única auto escola completa, onde ela tem um ônibus, caminhão, carreta, é prédio próprios, veículos modernos, secretária bonita, que tá aqui segurando o telefone para mim.

JNK: Certo.

JNK: O senhor também pode providenciar uma fotografia? Da auto escola, para eu colocar transcrição?

JEB: Posso.

JNK: Obrigado.

JEB: Você quer que mande a foto, você quer que mande pelo celular?

JNK: É, como quiser seu José. Eu depois organizo meu arquivo.

JEB: Tá, então vou conversar com meu irmão aqui, ele providencia umas fotografias da fazenda lá, e eu providencio da auto escola aqui, e aí a gente reúne tudo para você, todo esse material para você.

JNK: Sim.

JNK: E, fotografias da escola o senhor possui?

JEB: Temos algumas, temos algumas sim.

JNK: E, o senhor pode reproduzir para mim no próprio celular.

JEB: Eu vou verificar o que eu tenho e te passo depois pelo celular.

JNK: Sim.

JNK: Ah, eu lembrei da outra. Do campeonato de *soroban*, o senhor chegou a participar?

APB: Ah! (Deu gargalhada pelo fato da pesquisadora lembrar)

JEB: Um irmão, um outro irmão nosso.

APB: Essa é boa, lembrando do *soroban*. Um outro irmão nosso mais novo que tá em Campo Grande, ele participou. Todos nós aí da Escola aprendemos.

JEB: O irmão participava do competições mesmo.

JNK: Eu preciso entrevistar ele.

JEB: Depois a gente passa o telefone prá você. Aí, você podia falar com ele.

JNK: Sim, por favor.

JEB: Garanto que ele vai ficar contente falar com você.

JNK: Mas, vocês não chegaram a participar do campeonato?

JEB: Não, não.

APB: Só aprendi a manusear só, eu aprendi a manusear

JNK: E quem era o professor que ensinou?

APB: Um japonês.

JEB: Um japonês. O Donizete vai lembrar pra você.

JEB: O outro nosso irmão vai falar pra você sobre o soroban. Vou passar o telefone dele para você e você fala com ele.

JNK: Perfeito. O senhor pode mandar no meu WhatsApp.

APB: Pode, a menina já passa pra você.

JNK: Então, eu agradeço imensamente a entrevista.

APB: Liga para ele. O outro irmão, nós estudamos em três irmãos lá. Você vê como a Escola foi bom prá gente. Liga prá ele.

JNK: Sim.

APB: Ele tá em Campo Grande, no Mato Grosso, ele já está aposentado também, e é meu distribuidor de doces lá.

JNK: Sim.

APB: Ele participou do, do soroban e ele vai te passar.

JNK: Muito bem, ele é mais novo?

APB: É mais novo que nós, o Zé Élcio é mais velho, eu sou do meio, o outro é mais novo.

JEB: Quem tem mais juízo sou eu, viu?

JNK: Certo. Muito bem.

JNK: E ele está em outro estado por quê?

APB: Ele foi, ele entrou no laboratório Novartis, aí então ele teve uma oportunidade, transferiram ele pra lá e ele ficou 30 anos lá, todo feliz da vida.

JNK: Certo.

APB: Super feliz, bem sucedido.

JNK: Mas, ele mora na zona rural?

APB: Não, ele mora no centro da cidade.

JNK: Certo.

JEB: Ele foi lá como representante comercial da Novartis, distribuição de remédios.

JNK: Remédios agrícolas.

APB: Não.

JEB: Humano.

JNK: Certo. Então está bem seu José e seu Ademir.

JEB: José Élcio e Ademir.

JNK: Sim, agradeço imensamente, então.

JNK: Que bom que deu certo.

APB: Então.

JEB: Eu vou providenciar as fotos e a hora que você trazer os documentos para assinar aqui. Se você quiser ligar, a gente pega também, porque eu passo todos dias na frente da Escola. Ou você traz aqui.

JNK: O fato de vocês estarem aqui mais próximo da Escola já ajuda bastante

JEB: Então tá bom.

JNK: Até logo e obrigada.

JEB: Nós é que agradecemos.

JNK: Igualmente.

Descritores

José Élcio Batista

Ademir Pereira Batista

Julia Naomi Kanazawa

Centro de Memória

Internato escolar

História oral na educação

Empreendedores

Refeitório escolar

Agricultura

Biblioteca

Escola Técnica Estadual Cônego José Bento

Ginásio Agrícola Estadual Cônego José Bento

Colégio Técnico Agrícola Estadual Cônego José Bento

Indústrias Rurais

Sistema Escola-Fazenda

Cooperativa Escola

Agro Olimpíada

Soroban

Auto Escola

Centro de Formação de Condutores

Fábrica de doce de banana

Silvio Mollo, Guida Paschoalik

Paschoalik

Euclides Peloja

Lencioni

Dr. Fernão Paes Leme Paes Zamith

Jorge Abdala

Zé Leite

Dados Biográficos dos entrevistados



José Élcio Batista, natural de Santa Branca, São Paulo, nasceu em 18 de novembro de 1953. Estudou as primeiras séries em Santa Branca. Depois ingressou, em 1967, no Ginásio Agrícola Estadual Cônego José Bento. Após a sua formação no Colégio Técnico Agrícola Estadual Cônego José Bento, ingressou como técnico agrícola na Secretaria da Agricultura da Prefeitura Municipal de Jacareí, onde ainda trabalha. Possui uma auto escola, a Auto Escola Santa Branca, e um centro de formação em condutores, a Central de Formação de Condutores, ambas localizadas em Jacareí.



Ademir Pereira Batista, natural de Santa Branca, nasceu no dia 3 de outubro de 1954. Estudou as primeiras séries em Santa Branca, depois ingressou, em 1968, no Ginásio Agrícola Estadual Cônego José Bento. Após sua formação no Ginásio, em 1972, foi trabalhar como vendedor em São Paulo, pois era seu sonho. Atualmente possui uma fábrica de doce de banana. O doce, denominado Bananinha Santa Branca, é

comercializado em São Paulo, Rio de Janeiro, Campo Grande, Londrina, Curitiba e, recentemente, foi exportado para Orlando, Estados Unidos. Cultiva também bananas em uma área de cerca de 80 alqueires em Santa Branca, SP, na propriedade que pertenceu aos seus pais.

Dados Biográficos da entrevistadora



Júlia Naomi Kanazawa, nasceu em Jacareí, São Paulo, no dia 7 de julho de 1963. Formou-se em licenciatura em História pela Universidade Estadual Paulista, campus de Assis. Fez mestrado em História Social pela Universidade de São Paulo. Atualmente, faz doutorado em Educação na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Atua como docente na Etec Cônego José Bento/Jacareí/SP e como professora coordenadora de projetos no Centro Paula Souza, onde desenvolve projetos de memórias da Educação Profissional e Tecnológica. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional – GEPEMHEP.

Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de José Élcio Batista.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de Ademir Pereira Batista.